

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.^a Anna

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.^a publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 >
Brazil, semestre	700 >
Avulso	20 >

Atavismo e reincidencia incorrigivel

N'essa *magica de feira*, em que se sumiu por alcapão encoberto, e quando a passagem da peça menos o indicava, o misterio Amaral, os emeritos *reiseiros* da politica monarchica representaram tão mal o seu papel, que nem sequer se pôde aproveitar o effeito ridiculo para desopilar do *spleen*, que fatalmente causa a ruinosa administração publica, a quem, amigo da sua Patria, lhe deseja dias de verdadeira grandeza, a que tem direito pelo seu passado glorioso, altamente civilizador, e pelas qualidades do seu povo, que se mostra intelligente, tenaz e... extremamente paciente.

Desappareceu, diziamos, do tablado um ministerio, que não era nem melhor nem peor do que os outros, e, depois de varias peripecias deprimentes, todas ellas dominadas pelo espirito egoista, interesseiro ou de vaidade, de todos completamente arredado o sincero empenho de regeneração administrativa, surge, como os espiritos malignos da bocêta de Pandora, o mesmo *alcapão*, por onde tinha descido, isto é a reacção, a intriga, a ancia do poder, ou as reclamações visceraes, que o tinham feito cahir, lhe dictam novamente o *surge et ambula*.

A resolução dos instantes problemas nacionaes, as indicações da opinião publica, mesmo o veredictum de um parlamento, que fabricaram como lhes aprouve, foram elementos despreziveis, que nenhum pezo fizeram, quer na ponderação do poder moderador, quer na consciencia de quem acceitou gananciosamente o poder executivo.

Tudo se debateu: pruridos de predominio de facção, vaidades pessoas, *regedoria*, bulimia.

Ninguem ouviu fallar n'outras determinantes para a resolução da crise, que não fossem as conveniencias pessoas ou partidarias d'esta ou d'aquella facção.

No fim uma lucta de gallos a disputar o grão ou a hegemonia do *poleiro*. O bem da Patria ao longe, arredado como coisa impertinente!

Inspiraram-se sequer os magnates da *rotativagem* na defeza da *dymnastia*? nem isso...

Puzeram a descoberto todas as mazellas, hereditarias umas e já adquiridas, outras, de que enferma a realza; não os preocupou a ideia de que iam levar a desillusão aos ultimos ingenhos abencerragens do velho regimen! Cegos pelo vil interesse proprio, cahiram na insensatez de apagar na alma de alguns raros sinceros monarchicos a ultima esperança nas hybridas instituições, que nos regem, só para verem a sua mediocridade alcapremada ás culminancias do Poder. Como se a elevação no poder não desvairasse a alma do villão!

Esta farça faria rir, se não se presentisse derrocada tragica para a nacionalidade, a menos que o quarto estado intervenha rapida e eficazmente.

* * *

A farça no fundo é drama. O drama passa-se á roda do augmento assustador da divida fluctuante, do desperdicio dos rendimentos publicos e da nulla preocupação, que isto causa aos governos, que a apathia do Paiz tem consentido e continua a tolerar de posse dos sellos do Estado. E' isto que nos afflige: que o carro nacional desça velozmente a ladeira da ruina e ninguem appareça a travalo antes que o mal seja sem remedio.

Dentro das hostes monarchicas provado está que não existe o remedio, pois só a mediocridade, guiada por insoffrida vaidade, ambiciona o poder na conjuntura; os elementos de valor, que porventura sigam a corôa, recusam-no, ou porque os não inflame o santo amor da Patria, porque os não estimule a abnegação de bem servir o seu Paiz, ou porque, enervados pelo meio dissolvente, em que vivem, desejam recolher-se a um commodismo criminoso.

E se não, se é a convicção da inutilidade dos seus esforços, se entendem, que isto não tem cura dentro do regimen, commettem a covardia de o não declarar e não juntar os seus esforços aos dos que se empenham seriamente em fazer resurgir uma Patria nova, livre e forte dos escombros, em que a fizeram ruir os oitenta annos de *liberdade constitucional*.

Pobres cegos, teimosamente cegos, que julgam preparar para os outros os laços, em que elles proprios se hão-de prender!

Nem os guia o instincto de conservação, pois preparam os filtros venenosos, que, amanhã, na adversidade, os hão-de asphyxiar! Fazem o jogo de Reacção, que, uma vez servida, os abandonará á sorte, que merecem, ao desprezo publico!

Indolencia, falta de civismo, proposito reaccionario, vaidade, interesse ou inveja, seja qual fôr a causa, que faz retrahir os valores intellectuaes e moraes do campo monarchico, se ainda lá existem alguns, não tem justificação e é symptomatica da morte proxima do regimen. Um egoista, que nada produz ou produz menos do que deve, é um parasita, que não tem direito á solidariedade humana, e merece o afastamento do convivio social, quanto mais das fileiras directrices. Ora dentro do regimen, mesmo á hora em que o dizem periclitante, não têm apparecido senão egoistas. A Patria é tropo altisonante, quando querem pôr embargos á marcha das hostes liberaes, denunciando imaginarios perigos; fóra d'isso não existe. O rei é nada em face da satisfação dos seus caprichos. Contentes, uns celebram o triumpho dos seus sonhos ambiciosos; despeitados, outros gemem o fracasso da sua tentativa de predominio, mordendo a mão, que seria generosissima, se os tivesse saciado.

Uns e outros assistem indifferentes á submersão nacional.

* * *

Mas o que nos assusta sobremaneira, o que para nós toma as proporções de scena intensamente dramatica, que faz recear desenlace tragico, é a apparente tranquillidade, senão indiferença, com que o paz recebe este desmanchar de feira!

Cerceam-lhe a liberdade, arruinam-lhe as finanças, secam-lhe as fontes de riqueza por falta de fomento e protecção, collocam-n'o á beira da fallencia, e para regeneração das suas forças alquebradas apparece na direcção dos negocios publicos, quem? A mediocridade, a concussão e a incompetencia. Uns notoriamente apoucados de intelligencia, outros indelevelmente marcados com o ferrete dos *adeantamentos* e outras manigancias, e ainda alguns aprendizes de chorographia portugueza! Cruel sarcasmo!

O Paiz evoca-nos a imagem

do Nazareno, de corôa de espinhos, manto e canna verde. Ai de nós, se o simile se completa e sômos levados a morrer no Calvario da judiaria da finança!

Quem acceita resignado, que lhe cravem a *corôa de espinhos* de onerosissimas contribuições, desviadas para fins inconfessaveis, quem consente em ser açoitado com a oppressão e a tyrannia, quem, apodado de *soberano*, vive na miseria e na ignorancia, pôde muito bem deixar-se conduzir pacientemente ao patibulo!

Mas não! Nós sômos essa raça forte e patriotica, que nos campos de Aljubarrota amachucou o orgulho castelhano pela mão de Nun'Alvares; nós sômos esse povo altivo e indomito, que em 1640 saccudiu o jugo do potentissimo *Demonio do Meio Dia!* Trazemos a estuar nos vasos o sangue generoso e heroico dos bravos do Bussaco e inebriam-nos os canticos sublimes de Camões! E uma raça forte, e um povo indomito, e um sangue rutilo de heroismo, não podem formar massa inconsistente sobre que tripudie a inimiga mediocridade interna. Quem tem na tradição a espada de Nun'Alvares, a bussola de Vasco da Gama e o poema de Camões, não pôde morrer.

Esta patria resurgirá. Bem ouço a approximar-se a onda depuradora; bem sinto que em breve este solo sagrado se redimirá da parasitagem indigena. Sobre a montureira *gastro-rotativa* vicejará luxuriantemente a planta da Liberdade e da Justiça, que se desentranhará em fructos de felicidade para este povo de tradições tão nobres e gloriosas.

Philodemo.

A OBRIGA

O Côca

A estas horas devem vir vomitando lume os catholicos do «Petardo» e da «Palavra», e o Padre Matos do «Portugal».

Ao comicio anti-clerical do Porto, no domingo, deram a nota da sinceridade, da deczão, da imponencia e da franca hostildade ao jezuitismo, os republicanos do Porto. Foi da boca de oradores republicanos que as mais severas, as mais contundentes frases saíram; republicana era a onda de populares que subnhava com aplauzos ás

mais expressivas, mais irreductiveis afirmações dos discursos.

Sem o nosso concurso, sem a nossa adezão formal, nem possivel seria o comicio; grelaria no choco: ficava morto antes de nascer.

A proposito disto, e vendo as couzas por este exato ponto de vista, os da «Palavra» e do «Portugal» terão as d'to bonitas, e o menos que vão chamar-nos é: «inimigos da Egreja». Não faltará, talvez, entre os republicanos quem, atenuando, venha explicar que a republica não hostiliza o catholicismo, nem o partido republicano é immediato ou remoto cúmplice desse acto de guerra contra a Santa Madre Romana. Não faltará,—e bem mal, quem venha com emolientes iludir, ainda por esta vez, o estado real do conflicto. Nós, por nós, falaremos claro, pouco ou nada nos importando o silencio dos Conrados, nem que nos chamem, os parvos, um máo obreiro, um máo soldado ou um máo politico.

Diremos que ha uma separação absoluta entre a Egreja e a ciencia, a diretriz das sociedades modernas, e diremos que essa separação, ou antes, esse antagonismo, dá orijem, inevitavelmente, a hostilidades continuas. Onde está a sociedade de hoje com o seu direito moderno, com os seus principios de critica, com os seus metodos de exame, não estão, não podem estar de modo algum, o *dogma*, a *infalibilidade*, o *sylabus*. Reciprocamente onde estão estes ultimos, não ha a primeira; em qualquer parte o jezuita e o republicano excluindo-se, de todo em todo. Sabido isto, e conhecido que a monarchia, em Portugal, é um estado catolico, dogmatico, facilmente se depreende que a republica, instituição de advento revolucionario, e de espirito intransigentemente, logicamente, anti-monarquico, como consequencia do seu advento e do seu carater hostilizará, decizivamente a condição dogmatica e *ultramontana* do estado. E' dedução simples, comesinha, reta.

Será isto porem sêr adversario da Egreja?...

Da Romana, com todos os vicios que a abolorecem, de facto, é isto contraria-a sem entrolinhas dubitativas, sem a hesitação mais fugaz. Sêr contra Ela, pois que haverá de arrancar-se-lhe o privilegio, a situação de dominio, a prevalencia no estado, deixando-a no resto em paz; não hostilizada—mas livre.

Republicanos ha que não vão de acôrdo, por susto ou por confusão: os do susto tem medo de lhes fujir a coadjuvação dos abades, os da confusão ligam, ainda, á expressão, Egreja, um sentido reljiozo, diverso, que ela não tem; ou, que, ao menos, exclusivamente lhe não pertence. Já se dissermos que a republica põe embaraços á reljião disparatamos, mentimos; falseamos o sentido pratico e filosofico das relações entre a sociedade e o individuo: reljião não é a Egreja, vá de passagem, e reatemos ao ponto. Inimiga do jesuita tem de o sêr a republica, falharia por completo se, claramente, o não fosse.

Não vae proibir romarias como o S. João e o Senhor da Pedra; isso de catholicismo tem só o titulo;

nem proibirá as pecadoras de se confessarem todos os dias... Porém sem tibezas, sem exajeros, deverá acabar com o predomínio do jezuita; deverá, por mero respeito de si propria, e da sociedade que orienta e educa, não se subordinar ao vexatorio e ridiculo de ser um estado, determinadamente, de tal ou tal profissão de fé: neste esplendido seculo vinte seria o cumulo do atrazamento! Deverá incluir, portanto, no seu programa a separação da Igreja do Estado; deverá tornar laico o ensino. E' isto contra a Igreja, acodem os Petardos e o Padre Matos. Pois seja, a nós também nos pare e que não será mimosal a com bôlos, ou com o vinho de carne que lhe receitam.

S-ja, mas não nos baixemos de susto nem desviemos as proposições inequivocas da sua impressiva força, com salamaleques e ex-votos aos fundadores do cristianismo. Respeito, admiração, carinho, veneração até ao culto da divindade, por Esse ou Esses que o constituiram, nada tem com a questão: ficam por fora do pleito. E' a reli, já catolica-jezuita de que se trata essa, vá a verdade, nada tem a beneficiar com a implantação da republica.

Não perseguições:—se axiomaticamente não ha, nos livres pensadores de hoje em dia o estofo dos perseguidores setaristas, tampouco não vemos *martires* na densa copia de creaturas que do catolicismo fazem apenas modo de vida; comodo meio de encher o estomago.

Mas se não perseguições, nem vinganças, o que seria a negação positiva dos principios basilares da Democracia; se não isso, que ninguém já agora, felizmente, aceita, com certeza a libertação do estado civil da teocracia catolica; a independencia e superioridade da sociedade mundana perante as arremetidas e ambições do jezuitismo absorvente.

Portanto—separação; e essencialmente, ensino laico fundamental. Não é a bem, evidentemente, da velha igreja romana, tenhamos a firmeza de o não negar, antes o refirmemos por nossos actos, pelas palavras, pelos intuitos.

Ex-je-o a dignidade e pureza da cauza que defendemos, exige-o, acima de tudo, o criterio livre da mentalidade contemporanea. Assim, vejamos claro, e claramente falemos; sem medo do *côca* que é a reacção:—forte sómente das nossas hesitações, da nossa infantil fraqueza. Não atenuemos nem as conclusões nem as consequências do comicio anti-jezuitico: o conflito terá de dar-se, e não é decente iludir os outros, nem é sinal de capacidade a nós proprios nos enganarmos. Não somos contra a religião, teremos de ser contra a Igreja:—pela sua constituição e pelos seus fins, que nos forcem a combatel-a.

Não por represalias, não por paixão de partido: serenamente, lealmente, por previdencia e justiça, o q. b. dessa enfermidade entre nós, ha muito, por rezolver.

E' possivel não agradarmos, e deixem-nos prevenil-os de que esta leva procuração, nem mais menos... a do nosso sentir pessoal, amanhã como hontem, e com hoje, sem influencia; mas absolutamente sincero,—unico merito deste fadario semanalmente forçado. E agora que nos acuzem de ateus, ou de inimigos do altar;—mentem quanto ao primeiro *crime*, mentem ainda, quanto ao segundo, se um altar, como nós supomos, não for apenas um môno hediondo como estésia, e como subjetividade, grosseiro...

Antonio Valente.

Ovar e a beneficencia

X

No que temos expellido havemos demonstrado a necessidade imperiosa que Ovar tem de instalar a sua

Instituição de beneficencia, pelos dictames da razão, illuminada pelas noções sociaes convertidas em verdadeiros axiomas pelos progressos da civilização actual.

E inspirada por ellas poderia ter a referida Instituição a forma laica.

Seria ella a sua forma mais perfeita pela absoluta independencia de qualquer crença ou seita e por isso nas melhores condições da mais benevolta tolerancia, como é proprio d'uma instituição de caridade. Porque a indole da caridade é tal que não cura de saber quaes são as crenças ou o modo de pensar ou de proceder d'aquelles a quem dispensa os seus disvellos; basta-lhe sómente saber que são homens, victimas da sorte aziaga e torturados pelo infortunio, e procura por todos os modos evitar-lhes tudo o que possa magual-os ou melindral-os physica ou moralmente.

Seria ella, pois, a preferivel e que devia ser adoptada como mais adequada a ser definitiva se todos os owarenses pela sua educação e illustração lograssem a consciencia bastante illuminada e forte para só ella ser a determinante dos seus actos e susceptivel de incutir energia inquebrantavel á sua vontade. Infelizmente a nossa pessima educação de seculos e a pouca diffusão da instrução faz com que poucos haja n'essas condições. E assim seria prescindir do valioso concurso ou alcançar um auxilio frouxo e nada efficaz da maior parte.

As consciencias, que por si não são bastantes vigorosas para subjugarem a vontade e servirem-lhe de lucido pharol que a norteie, costumam impulsional-se ao grado do sentimento que completamente as avassala. E entre os owarenses o que sempre tem predominado, chegando a alheal-os de tudo o que lhe é extranho, é o sentimento religioso.

Está, pois, naturalmente indicada a forma que alcançará a adhesão, e adhesão dedicada da maior parte: é a religiosa.

E ao adoptal-a sómente se deve ter o cuidado de não alienar as vontades dedicadas dos que d'ella não carecem e que podem até por ella julgarem-se feridos no seu justo melindre.

Não é isso difficil, ainda que o pareça.

A cruz pelos crentes consagrada como suppedaneo do seu Deus, pelos não crentes é julgada o symbolo da redempção dos opprimidos. Os crentes adoram-na, os não crentes veneram-na. Pôde, pois, a cruz abrigar uns e outros, pois que os sentimentos que n'elles desperta, são tão afins que os deve attrahir e não repellir.

Por outro lado o Christo pelos crentes julgado Deus e filho de Deus, o Messias que, renunciando momentaneamente á sua essencia divina, veio redimir a humanidade do peccado original que a havia condemnado a um perpetuo supplicio espirital, e como tal digno do seu culto mais fervoroso; pelos não crentes é reputado um espirito excepcionalmente superior e apostolo devotado até ao sacrificio da propria vida em uma odyssea de martyrio e de vilipendio, e sublime redemptor social que, com as ideias mais puras e mais sãs, veio resgatar a humanidade das gemonias e dos exastulos da escravidão a que uma parte diminuta e privilegiada havia condemnado a sua quasi total dade, acorrentando-a sob todas as formas de oppressão e de aviltamento que ainda hoje, posto que mais atenuada e desfarçadamente, a enleia e tolhe na plenitude do seu desenvolvimento, e cujo merito para a regeneração da humanidade ainda não foi offuscado por outro que posteriormente surgisse. Os crentes, pois, consideram Christo como alvo dos seus anceios mais intimos e da sua adoração mais profunda; e os não crentes tributam-lhe a maxima admiração, não havendo entidade alguma que tanto lh'a mereça.

Portanto ao abrigo da cruz e em nome de Christo e da sua doutrina

sublime podem acotar-se todos os owarenses que por ellas serão impulsionalos aos actos do mais acendrado altruismo.

Ninguém desdenhará de seguir a Christo, espirito clarividente e da mais gentil e attraente pureza que, com imperturbavel serenidade e meiguice, chamou a si e acarinhou os pequeninos, cuja ingenuidade e simplicidade d'aniño a todos propunha como exemplo, proclamou a egualdade de todos os homens, considerando como primeiros e superiores os que o merecessem pela excellencia das suas qualidades moraes e das acções que praticassem, bateu em brecha todos os privilegios e as prepotencias d'elles derivados, e, incutindo o claro e sublime conhecimento da dignidade humana e da solidariedade social, impoz aos homens o respeito reciproco até pelos criminosos e reprobos que, dissipado o desvairamento que os arrastou aos attentados contra os outros, podem contribuir para a prosperidade e engrandecimento da comunidade.

E alçou o seu espirito á concepção grandiosa e fecunda da doutrina sublime do sermão da montanha, verdadeira synthese do seu pensar redemptor, compendiada nas denominadas obras de misericordia.

Estas, além d'um completo codigo de doutrina christã, são na sua concisão a mais lucida exposição das reivindicações sociaes que dezenove seculos ajuda não obliteraram.

Valto tão puro e prestigioso é e será sempre merecedor da veneração de todos, levada por alguns até á adoração em demasia justificada para que suscite a extranheza d'alguem.

Doutrina que tão eficazmente impulsiona a humanidade no caminho do seu progressivo aperfeiçoamento e que tem dado já uma transformação radical para melhor, hade sempre impor-se ao respeito e consideração dos que a não compartilhem, e inspirar a mais devota e fervorosa dedicacão aos que houverem comprehendido a sua sublimidade e o seu ingente alcance.

F. B. Z.

EGOS DA SEMANA

A pavorosa

Estaria ou ainda está para breve, com a *mize en scene* de uma revolta... *al contado*. Palacio real assaltado por noute morta, tirotetos, e na fuga deixados como vestigio, como *raio de luz* para o juizo de instrução criminal, barretes frijos, punhaes, e se calhasse, talvez, a lista, em papiro classico, dos dirijentes e cauzadores...

Consequentemente Te-Deums de ação de graças pela salvacão da Familia Real, e para alegria dos povos e comemoração dos festejos—fuzilamentos, ou deportações em massa. Assim as arma a policia, assim as traça o confessorario. Tem pressa de chegar ao fim—a pressa de vêr por terra... o edificio do seu poder.

E' o adajio acertando:—Deus desvaira os que quer perder.

Pois seja tudo como Deus manda...

Um senador operario

Pela primeira vèz, em França, senta-se um operario autentico numa cadeira de senador:—a mais alta posição lejisladora da republica. Ha cincoenta anos pertenciam esses logares á aristocracia do sangue, como se a terra tivesse dado nascença a uma raça Senhora, á parte dos mais humanos; hoje, senta-se nessas poltronas um operario;—o aristocrata do trabalho, o triunfador e transformador do mundo. Vamos andando, que não é um ôco aforismo a fraze celebre de Pelletan...

A catastrophe do sul da Italia

Em todo o mundo a horrozoza desgraça que enlutou a Italia, provocando a comoção e a piedade, tem dado orjem ás mais altruistas man festações de solidariedade mundial. Portugal não podia ser indifferente á dôr e ao infortunio da bela terra italiana, Portugal onde uma amoravel e bondoza raça existe, ha via de sentir, punjtivamente, os males dos infelizes habitantes de R. jio e de Messina.

Não seriam, pois, demaziadas todas as man festações de sentir dolorozamente a desventura italiana, se em algumas das exteriorizações desse sentimento não houvesse um pouco de snobismo, e algo até de desprezo pelas desventuras cazeiras. Não nos levaria a mal a Italia, não nos desconceituaria o mundo, se dêsemos menos para subscrições—não significaria indifferença esse modo de proceder; provaria que também cá existem os efeitos de um terremoto—fabricas sem laboração, campos desertos, menores abandonados á prostituição e á rua, *ilhas e pateos* onde a vida é horrozoza de insalubridade, de escuridade e de porcaria; verdadeiros *ghetos* peores que os da Edade-Media, provaria em suma, que as nossas condições de vida são de tal ordem de ficeis e angustiozas que, antes de termos a folga de olhar com pena para a dôr alheia, a temos persistentemente de caza, enturvando nos a vista. E não era egoismo nacional:—outra couza era que muito falta—modestia e juizo.

No mar

Em um *hiate* que duas vezes a nação comprou e pagou, e pela bolsa nacional custeado sob a designação de... vazo de guerra (!) via jando anda pe'o sul do litoral portuguez El-rei D. Manoel II. Nada temos com as rejas distracções, pois não levamos «a intolerancia» até negar ao monarca o dire to de passear, e o de tratar da saude. Mas temos com a maneira porque se fazem essas v.ajens particulares:—á custa do teozouro, tão rico que qualquer dia rebenta... sem cinco reis, á custa alheia, o que se classifica como nós sabemos, mas não podemos dizer... Voltam as afamadas expedções oceanograficas, cada vez mais se completando a se melhança infalivel entre o reinado d'hoje e o de hontem—o nôvo nada nos dando que se não reduza á repetição dos feitos reaes do velho. Vida nova... mocidade radioza... que vos repetis tão linha por linha.

Novas adeções á cauza republicana

Continuam do continente, das colonias e do Brazil, a afluirem, ao D. rectorio, as mensajens, as adeções. E' um movimento constante, sistematico, impressivamente consolador:—e á hora justamente, em que os partidos monarchicos se desagregam—caem de pôdres...

Onda que sobe e que nada, já agora, pode detêr no avance, engrossada todos os dias; todos os dias entumescida de entusiasmos novos, de novos esforços:—onda renovadora e excelsa que nos vaes crear uma Patria!

De Manaos, do Pará, do Rio de Cabo Verde e de Congo—encheriamos colonas, sobre colonas de nomes de novos republicanos. Em Viana a filiação do pai Manoel Tomaz Ribeiro da Silva.

Bemvindo, que cá dentro todos nós temos um ponto comum de acôrdo; e a sua batna de padre pode acamaradar, sem receio, com o vermelho barrete frujo.

D'accôrdo...

Respondendo a umas considerações nossas sobre a situação economica de França, o «Jornal d'Ovar», em logar d'honra *no artigo de fundo*—affirma que Portugal é...

imaginem o quê?... um paiz onde ha liberdade de mais!!!

Deveriamos agradecer ao collega a consideração de nos responder em artigo de fundo se não nos parecesse artimanha para nos fazer cahir no ridiculo de n'esse logar responder ás espirituosas considerações do collega.

Pena é que o seu artigo não fôse publicado no numero anterior porque escripto na vespera—2 de janeiro—solemnitaria o anniversario d'aquella *liberrima* posse das commissões *liberrimamente* nomeadas para gerir os negocios municipaes por o liberal dictador.

O collega recorda-se d'aquellas lberaes tropas que occuparam Ovar, concentrando-se juncto da sua redacção?

Tal qual como em França. Mas se as coisas em França se passaram como o collega diz e em Portugal ha *liberdade de mais* como affirma, parece que o collega ainal quer é que vamos também para o regimen da França.

O collega encarrega-se até delhe fazer a apologia no artigo immediato, fallando do Brasil com o titulo *Exemplos de fóra*.

Pois valeu, vamos a isso. Estamos d'accôrdo.

ARA

MÃE

Ail quando á triste luz do sol poente,
No b rço viu a filha morta e fria,
Ella, que punha alli toda a alegria,
E toda a vida que em seu peito sente,

Ergueu-se como doida de repente,
Hirta, pallida, tremula, sombria,
Nas convulsões d'uma intima agonia
O peito nú exposto, doidamente:

—«Foi minha viva, ha-de ser minha morta;
«Meu consolo nos dias d'amargura
«Mesmo gelada, a minha dôr conforta!

«Ninguém tente levar-m'a á valla escura,
«Que ou ambas vamos pela mesma porta
«Ou dou-lhe, aqui, no seio, sepultura».

Alfredo Campos.

A REJEDORIA

Este governo do W. C. que, por uma *sorte real*, foi proclamado no Paço, tem dado, que farte, orijem a variadas polemicas Julio de Vilhena o chefe do partido rejenerador desacons derado e humilhado pelo monarca, não tendo a coerente corajem de contra esse dirigir as suas cruéis censuras ceva-se, da cobardia, dando em Wensclau de Lima e Campos Henr ques como se fossem esses os reaes autores da putrefacta comedia em que o partido rejenerador faz as vezes de tosqiado e comido. O dize tu, direi eu, tem sido de teor e tom que envergonharia, em qualquer parte do mundo, os magnates politicos; lavar de roupa suja indecente que só nos ocupa pelas considerações que sujere,—não pelos factos que veem a lume,—cozas da porca vida cazeira que só merecem desprezo. A crise foi provocada e delneada por uma conspiração palaciana, é o tal *naturel* de Sampaio.

«O paço é incorrijivel, conspira sempre»; e todavia, sabendo-o, os monarchicos da opozção ou não aludem á gravissima significação do atentado, ou o fazem em palidos e servilissimos termos. O ministerio foi nomeado contra as regras e contra os direitos constitucionaes, contra a integridade de um partido monarchico,—os mesmos servidores, pontapeados embora, mal ao de leve á desfeita aludem.

As côrtes foram impropriamente adiadas, o rei mentiu aos seus compromissos, pois os taes, os ditos monarchicos, acuzam da falta de El-rei as costas largas e quentes... do páchá José Luciano. Aspectos reles da crise,—e não é isto senão um pano de amostra. Agora, o governo vae peitando a governadores civis e a rejedores, e como

o combatem «A Epoca» e os mais colegas na côr politica?... Combatem-no proclamando que os governadores civis, o partido, firmes e unidos cerram fileiras ao redor de Julio de Vilhena! Essa nota é a predominante, a prevalecente, a unica!

Para «A Epoca» e para todos os outros limitada a crise, e a situação, á mudança ou calculada firmeza de meia duza de nulidades, como os governadores de Viana, Vizeu; ou o marão de Leiria. Governo e oposições, desde agora até á abertura do parlamento, todo o seu cuidado, todo o seu triunfo, toda a sua grita, vão ter e ser como cauza os governadores civis vhenistas; e os governadores civis henriquistas. Dois mezes durará toda esta infame comedia, dois mezes de feira franca para uns e outros, uns dando já em honras e em dinheiro, outros comprometendo-se para amanhã em pastas ministeriaes, em pariatos, em oiro... Podem as mais graves dificuldades acastelar-se no horizonte, que uns e outros não dão por nada que não seja fulano vira, cirrauo fica.

Eatretanto passa o tempo, e a nação que espere e tenha paciencia. Ha para resolver a crise financeira a crise economica, ha que submeter o rejime de administração colonial a praxes serias e continuas do fomento e de protecção, tudo é preciso fazer-se neste desgraçado paiz agricola que não dá pão para si e que não bebe nem exporta todo o seu vinho, tudo; e estes incorríveis politicantes continuam a interrompida pajina da vida velha, do velho reinado, com uma inconsciencia de cegos e com um cinismo de penitenciarios. O que os interessa, o que os comove, o que lhes provoca vijilias é a demissão dos governadores civis, é a banda para que pendem os administradores do concelho. Para eles todo o paiz fica junto ás secretarias e arcadas do Terreiro do Paço, para eles todo o problema nacional se reduz ao modo de pensar da barriga, ou do cotovelo, do governador civil de Vizeu...

E o paiz que trabalha, a jente que nesta patria, tão nossa amada, ainda conscienciosamente labuta por um futuro de tranquillidade, de abastança, de honestidade e de justiça; todos os que vivem fóra do miseravel gachis; e são toda a gente menos os incorríveis politicos, esses, todos, não de continuar a ser «o ludibrio de progressistas e rejuvenadores»... o ludibrio da monarchia? Ainda amanhã como hoje, derivará para as suas mãos gananciozas de adeptadores e de adeptados o fructo bemdito, mas tão custozamente vingado, da economia nacional!... Ainda para o futuro, amanhã como hoje, o interesse maximo da nossa terra terá de limitar-se, indecentemente, criminozamente, aos governadores civis que desertam, aos que se vendem, e aos administradores que vão com o governo?... Não! Pode lá sér!...

CHRONICA AGRICOLA

XXXI

Terras — correctivos — elementos

Ha varios cuidados a empregar na preparação do terreno que se não são adubos, influem tão consideravelmente nas produções, que se deve dispensar-lhe os maiores cuidados.

Chama-se a isso — correctivos. Assim é bem sabido que as terras excessivamente humidas, nada ou pouco produzem exactamente por esse excesso d'humidade; convém portanto fazer a drenagem ou a céu aberto por meio de regueiras ou subterraneamente por canalisações proprias ou qualquer outro meio.

Torna o terreno mais secco e mais apto para a cultura.

Se o terreno é excessivamente secco, tem o seu correctivo em cavas ou lavouras muito fundas e repetidas. Estando movediço e fófo, absorve e conserva muito mais as aguas das chuvas, fornecendo depois a humidade ás plantas.

Se é excessivamente movediço, permeavel como as areias, convém tornal-o mais compacto o que se obteria por uma addição de grande quantidade d'argilla, mas mais economicamente se obtém com o emprego dos adubos

organicos e sobretudo dos molliços que além de adubarem, unem por as suas lamas as particulas arenosas e as tornam mais compactas. Nos terrenos argilosos conviria a addição d'areia, para as tornar mais permeaveis; mas como isso nem sempre é economicamente possível e a economia é muito d'attendere em tudo e principalmente em agricultura, temos a calagem ou seja a addição de cal que aduba e ao mesmo tempo desagrega as particulas terrissas, dando-lhe por isso a desejada permeabilidade.

A cal emprega-se com varios fins, visto que não só é elemento indispensavel á vida das plantas mas contribue até para tornar mais rapidamente assimilaveis os outros elementos igualmente indispensaveis. Porque convém saber que qualquer planta seja ella qual fór, precisa de varios elementos, uns organicos, outros mineraes; esses elementos em numero de 14 são: carbone, oxigenio, hydrogenio, azote e os mineraes phosphoro, enxofre, chloro, silica, ferro manganez, calcio, magnesio, sodio e potassio.

Isto soube-se com toda a segurança, depois de variadissimas e repetidissimas experiencias feitas por alguns sabios.

Estes elementos não entram em partes eguaes antes bem diversas, nas diferentes plantas, e até nas varias partes da planta entram em percentagens diferentes. Assim os fructos em geral tem uma composição diferente das outras partes da planta.

Mas dos 14 elementos indicados como indispensaveis á formação do vegetal apenas 4 nos devem preoccupar; os outros ou existem na natureza em tão grande quantidade que chegam para as suas necessidades, ou as exigencias da planta são tão pequenas que qualquer terreno por pobre que seja tem esses elementos em quantidade sufficiente para fornecer a que lhe é indispensavel e o ar e a chuva fornecem-lh'os tambem.

Só 4 como digo é necessario fornecer-lhe, e esses, cujo nome é facil de reter são:

- 1.º Azote.
2.º Acido phosphorico.
3.º Potassa.
4.º Cal.

Estes é que necessitamos restituil-os periodicamente ao terreno, porque embora elle os possua em grande quantidade, as colleitas empobrecem-no rapidamente.

O mais curioso é que o azote existe em enorrimissima quantidade na atmosphera mas apenas uma qualidade de plantas (as leguminosas) tem a propriedade de o absorver, e depois veremos como e porquê; todas as outras o não absorvem.

De fórma que para adubar bem, precisamos de empregar adubos que contenham os 4 elementos indicados ou sejam adubos azotados, phosphoricos, potassicos e calcicos. Nas futuras chronicas indicarei quaes os adubos mais empregados e o seu valor, bem como os que fornecem mais do que um elemento.

E já agora prometto na proxima chronica dedicar uns periodos áquelles dos meus leitores que sorriem da presumpção que o caloiro tem d'aconselhar os velhos nados e creados a cultivar a terra-mãe.

E' ousadia, sei-o, mas já tenho visto homens d'avanzada idade consultar sobre a sua saude ou sobre as suas demandas, doutores novos.

Se ha doutores em medicina e em leis porque não haverá doutores em terras e adubos?!

Ha tambem já felizmente e chamam-se agronomos; mas não é, nem pretende sê-lo o chronista que apenas vos irá dizendo o que tem lido — e o que tem feito.

Alma Humana

Era um padre qual'quer, nem melhor nem peor que a maioria dos clerigos, e fóra mesmo, em tempos, um alegre e agradável rapaz, bom camarada e bom moço.

Como sempre, o seminário modificava-o, transformando a viveza joven, jovial e franca, numa mascara, grave, impenetravel e sonsa de ajezuitado diacono.

Rezou missa nova, tornou se Padre, e cada salto na profissão accrescia severidade áquele rosto solene, o vulgaris-linneu de muita bestinha, familiar da Trindade; tu cá tu lá convivendo como amizades da mesma igualha.

Com Deus na tripa engordára, e tinha ganhado as côres fortes, vermelhuscas, planturozas, do pastôr de almas de meia cheia e de séstas.

De resto, o ar da aldeia tonico e saturado de saos perfumes ajudava ao resultado nutrieute das jantaras labrégas e das dijestões felizes. O celbato aprazia-lhe, a castidade encontrava n'ele o que se chama — um patrono. Sobre isso, proverbialmente de uma inflexibilidade absoluta, todo purpureado com indignação e fereza ás tentações que o rondavam e ás más conversas que o perseguiam...

Ora uma vez, pela primavera, quando entreabrem as rozas e cantarolam os melros, na epoca em que até os velhos remoçam, num

desses dias, em que a disciplina voluntuozamente esmorece, sentiu o padre o sangue mais novo e quente e achou a carne mais viva. O diabo, esse desgraçado que em tudo carrega com a culpa alheia, trouxe-lhe o visgo na irrezistivel pessoa de uma devota: — a mais tenra, mais apeteitosa e mais seria de todas as do redil corpo forte, moço, sangrante, foi um assopro o incendio.

Lambeu tudo: castidade, sujeição á Esposa, terror do mundo, mêlo de Deus...

Como diria o pudendo e acautelado Bernardes «ardou Troia»... e o facto é que ardeu, num pronto.

O cazo soube-se, deu que fallar ás esquinas, escandalo: e os quakers da terra a ferro e fogo com o padreca num enfarcimento de lagos, pois as pessoas devotas raro perdoam aos outros ou a camza lavada, ou uma aventura galante; — o que lhes falta, precisamente. Escandalo, conciliabulos, e um belo dia abalam té ao bispado uns camaradas do homem. Bate-se á aldraba da porta, mezuraz pra a banda, pra baixo e pra cima, e eil-os entrados á audiencia ás cornadas no companheiro, o tal femiero e pedra de escandalo; tozando-o como uns valentes; como se ele estivesse ali para aparar o odio dos seus e para defender-se da acuzação verdadeira e dos acrescentos falsos.

O bispo ouviu, distraido, com ar de tedio e de nojo.

Concordou na conveniencia do exemplo, e com a mão papuda, indolente, dezenhou no ar, levemente, um jesto breve de excomunhão. Ah! A Igreja era, ainda, a alva Turris-Eburnea, e ai de quem a offendesse com a pecaminosa baba mundana!

Fossem cientes, a lição seria de arromba, e muito agradecido aos honestos servos amigos...

«Assim seria»: — assim havia de ser. E impavam de satisfeitos, ás zumbaias, saindo do quarto de hora infamante de delação com a alegria dos justos, — tanto a mesma cara pode como a servir de expressão á mais velhaca baixeza, como ao acto mais bello de perfetibilidade moral.

Sorrateiramente, sorriam; ia sér, sem nenhuma duvida, exautorado, escorraçado o colega, — um rival com influencia.

E atezogando a vingança retiravam-se ás arrecuas, ás jenufleccões, ás mezuras; — abrindo os dentes de lobo habituados a atassalhar pelas costas, — traçoicamente, jezuitamente.

Assim mesmo, em nome da dignidade da estola gozando a queda do outro, inebriando-se como bosteiros, na derrocada do socio...

Para socego das almas, e para gloria de Deus! ...Os reverendissimos pulhas!

Minusculus.

NOTICIARIO

Dia a dia

Passou no dia 11 o seu anniversario natalicio a menina Rosa Gomes Dias.

Tambem passam seus anniversarios natalicios:

No dia 17, o nosso amigo Abel Augusto de Souza e Pinho.

E no dia 19 os surs. Isaac Julio Fonseca da Silveira e Manuel Paes da Silva.

As nossas felicitações.

Retiraram d'Ovar: para Albufeira o nosso estimado amigo Dr. Antonio Emilio Rodrigues Aleixo e esposa; para Coimbra, os academicos Anthero Cardoso, Antonio Zingalo dos Santos e Antonio Sathuago; para Lisboa os nossos sympathicos amigos Alvaro Valente e Henrique Cardoso; para Thomar o nosso amigo José Regueira e esposa; para Mafra, o d'ctucto aspirante do exercito Manuel Rodrigues Leite; e para o Porto, Dr. Mario Pereira da Cunha e João Biptista Nunes da Silva.

Partiram hontem para Lisboa

com destino ao Pará os nossos conterraneos Manuel Ferreira D. as e José Bastos. Feliz viagem.

Misericordia d'Ovar

En reunião da comissão instaladora, realisada no dia 6 no theatro Ovarense, depois de tratados assumptos d'orden interna foram apresentadas á assembleia as seguintes propostas:

1.ª Do dr. Chaves — para que a comissão executiva prosiga no entendimento já encetado com a Irmandade das Almas, com caracter meramente provisorio, sem o menor compromisso, e apenas como exploração de caminho a seguir de futuro a competente entidade quando approvados os estatutos e quando constituida em corporação moral — a Misericordia.

2.ª Do dr. Fragateiro — para que a comissão executiva no mais curto prazo apresente á assembleia geral o projecto de estatutos ou compromisso da instituição de beneficencia e para que os mesmos, antes de discutidos, sejam publicados na imprensa local afin do publico se inteirar das suas disposições e pelo seu pronunciamento, habilitar a assembleia a discutil-os o mais harmonicamente possivel com a orientação collhida do mesmo publico.

3.ª Do dr. Fragateiro — para que logo após a apresentação dos estatutos á assembleia geral, se marquem sessões quinzenaes para a sua discussão.

4.ª Do dr. Fragateiro — para que a assembleia approve um voto de louvor á comissão executiva pela actividade e energia que ha desenvolvido nos seus trabalhos até á presente data.

Seguidamente foi apresentada pelo sr. dr. Antonio dos Santos Sobreira a seguinte moção.

«A assembleia, apoiando e approvando os trabalhos preparatorios sensatamente realisados no interregno das sessões pela comissão executiva e nomeadamente os encetados individualmente pelo dr. Pedro Chaves como delegado na mesma comissão os quaes constam do seu relatorio e proposta, continúa a dar-lhe o seu voto de confiança e passa á ordem do dia».

Subscrição

- Transporte. Rs. 2714:220
Maria do Carmo Pereira 100
Rosa da Silva Laranjeira 300
Antonio Maria Tavares 500
José Henriques da Silva 500
Anna da Costa 500
Anna Rosa Gomes 500
Manuel Pereira Rebello 55000
José Gomes Ramillo 15000
Celestino Soares d'Almeida 2005000
Manuel Coelho do Espirito Santo 15000
José do Bejamim 500
Antonio d'Oliveira Possante 500
Manuel Bernardino d'Oliveira Gomes 55000
Maria da Conceição d'Oliveira Ramos 15000
Amelia de Mendonça Rezende 500
D. Lúcia Rosa de Jesus Castro 500
Rosa Simão 200
João de Pinho Valente 105000
Maria Joanna Picado 500
Maria Soares Calalaia 55000
Maria Lopes dos Santos 100
Rosa Pereira Lopes 25000
Rosa Gomes da Cunha 15000
José Maria Luzes 55000
Maria da Silva Callista 100
Anna Rosa Gomes Netto 55000
Rosa Pereira d'Almeida Castro 500
Antonio Ribeiro 100
Manuel Henriques da Silva 500
Anna Maria Carriçinha 500
Esperança Ramada 25000
Padre Francisco Marques da Silva 55000
José Roz Quatorze 700
Antonio Maria Ferreira Coelho 500

- João d'Oliveira Gabão 15000
Manuel Ferreira Regalado 25000
Padre Manuel Roiz Lyrio 15000
Antonio José da Silva 15000
Maria Gracia de Jesus Palma 500
Antonio d'Oliveira Moscozo 15500
José Soares de Pinho Junior 15000
Viuva de José Maria Roiz 300
Maria Ryz Valente 100
Manuel Marques 100
Francisco Gomes da Silva 15000
Manuel Duarte Bandeira 15000
Rosa Gomes Das 15500
Maria Joanna Lendeira 300
Rosa Gomes da Silva 500
Manuel da Cruz 500
Antonio Maria Maia 15000
Maria Rodrigues 200
Manuel de Sousa Cação 100
José Ferreira de Carvalho 500
Rosa Nunes 500
Joanna Ferreira 100
José Fernandes Espada 200
Joanna Hanôa 500
Maria Campôna 500
Antonio Ferreira de Carvalho 15000
Maria do Carmo Calalaia 500
Joaquim Beato 100
Deolinda Ravazio 500
Joaquim Roiz Cavaco 25000
Rosa Janeiro 100
Margarida d'Oliveira de Pinho 100
Antonio da Cunha 100
José d'Oliveira Mendes 500
Antonio Pereira da Silva 100
Manuel Dias de Rezende 500
Thomé Roz Quatorze 15000
Antonio José Valente 100
Francisco d'Oliveira Mendes 200
João d'Oliveira Gloria 15000
Maria Joanna Pinheira 100
Manuel Ferreira 500
Manuel Ferreira (filhas) 400
Herminia Augusta d'Almeida 200
Joaquim Alho 100
Manuel da Cunha 100
José Nunes 100

Somma Rs. 2.996:520

(Continúa)

Senhora do Rosario

No dia 2 do proximo mez de fevereiro realizar-se-ha na igreja matriz d'esta villa a festividade em honra da Virgem do Rosario.

De manhã haverá a tradicional benção das velas, exposição do S. Sacramento, missa solemne a grande instrumental e sermão pelo distincto orador Rev.º Bruno Telles, d'Aveiro, cujos credits estão de ha muito firmados entre nós. De tarde vesperas solemnes, sermão pelo não menos distincto orador Rev.º Carvalho Maia, do Porto, que tão gratas recordações deixou em todos, que o ouviram em igual festividade do anno preterito, encerração do S. Sacramento e ladainha no altar da Virgem.

Fallecimentos

Falleceu no dia 11, sepultando-se no dia immeliato ao anoitecer, a sur.ª Josepha Agueda, tia do nosso bom amigo Abel Augusto de Souza e Pinho, honestissimo e estimado secretario da camara.

No dia 12 tambem succumbiu na sua casa dos Campos o sr. João Antonio Rodrigues da Silva, o Canellas, antigo professor primario e amanuense da camara.

Em em Lisboa no dia 6 do corrente, falleceu o nosso patricio Monsenhor José dos Santos Ala, prior da freguezia d'Ajuda, d'aquella cidade.

A's familias em luto o nosso cartão de pezames.

